

WENDO: CAMINHO DAS MULHERES. RELAÇÕES DE GÊNERO, REPRESENTAÇÃO SOCIAL E VIOLÊNCIA: UM ESTUDO ACERCA DAS PRÁTICAS DE DEFESA PESSOAL VOLTADAS PARA MULHERES

Lorena Lúcia Cardoso Monteiro¹
Loreley Gomes García²

RESUMO: No presente artigo, busco entender sobre a violência de gênero através de discursos e agência envolvidos nas práticas das dinâmicas de cursos de defesa pessoal para mulheres, mais precisamente, o Wendo: uma prática que nasceu no Canadá em resposta à violência sofrida por uma mulher e chega no Brasil através de instrutoras européias, feministas ativistas. Um conjunto de práticas de defesa pessoal contra a violência, envolto no ativismo feminista e voltado unicamente para o sujeito mulher. A observação participante das práticas dos grupos de Wendo da cidade de João Pessoa, associado a um estudo a respeito de representações sociais e do sujeito como produtor, reproduzidor e resistente a posições de sujeito múltiplas e nunca fixas, nos ajuda a entender a relação entre os problemas das relações de gênero e a violência que perpassa tais relações.

PALAVRAS-CHAVE: Wendo; Relações de gênero; violência de gênero; feminismo e representação social.

WENDO: PATHWAY TO WOMEN. GENDER RELATIONS, SOCIAL REPRESENTATION AND VIOLENCE: A STUDY ABOUT SOCIAL DEFENSE PRACTICES DIRECTED TO WOMEN

ABSTRACT: In the present article, I investigate about gender violence through speeches and agency involved in the practices of the dynamics of personal defense courses for women, more precisely, *Wendo*. *Wendo* was born in Canada in reply to violence suffered by a woman and it arrives in Brazil through European instructors, feminist activists. It consists of a set of personal defense practices against violence, it is related to feminist activism and it is directed specifically to the woman as a subject. Participatory observation of the practices of the groups of Wendo if the city of João Pessoa, associated with a study regarding social representations and the subject as producer, reproductive and resistant to multiple and never fixed subject positions, helps us to understand the relationship between gender relation problems and the violence that pervades those relations.

KEYWORDS: Wendo, Gender relations, gender violence, feminism, social representation.

¹ Graduanda em Ciências Sociais, Bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq. Universidade Federal da Paraíba. lorenacmonteiro@gmail.com

² Prof. Dr. Associada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba. Pesquisadora -CNPq. loreley@oi.com.br

INTRODUÇÃO

O “wen” é a abreviação da palavra *woman* (mulher em inglês) e “do” significa “caminho” em japonês. O wendo se apresenta como uma defesa pessoal para mulheres ou autodefesa feminista e difere-se da simples defesa pessoal por não se resumir a defesa física. Mas tem um trabalho direcionado para a violência de gênero, tanto física quanto psicológica, verbal, entre outros tipos de violência.

O Wendo surgiu no Canadá, na década de 1970, através de uma família cujos membros praticavam vários tipos de artes marciais. Ao saberem que uma vizinha tinha sido estuprada e agredida até a morte, as mulheres desta família desenvolveram um conjunto de técnicas rápidas, fáceis e efetivas direcionadas para mulheres como proteção contra possíveis agressões. Técnicas que pudessem ser treinadas entre as mulheres, independente de idade, etnia, situação financeira, constituição física e orientação sexual e pudessem ser usadas facilmente em situações específicas do cotidiano. O grupo ganhou força quando essas mulheres mobilizaram parentes, vizinhas, amigas apresentando-as á defesa pessoal para mulheres. Hoje existem grupos de wendo em vários países como Bélgica, França, Alemanha e na América-Latina, mais recentemente, no Chile, Argentina, Bolívia e Brasil que hoje conta com cinco grupos nas cidades de Curitiba, Salvador, São Paulo, João Pessoa, e mais recentemente, Brasília. No Brasil, o wendo chegou através de uma instrutora alemã, Trude Menrath, que convidou algumas meninas da Bahia para treinarem na Europa, formando assim o primeiro grupo de wendo do Brasil.

As mulheres que praticam o wendo passam por uma oficina de iniciação que geralmente é dada por algum grupo de uma outra cidade, a partir daí pode-se ou não formar um grupo na cidade onde a oficina é dada, dependendo do interesse das mulheres desta cidade. Foi o que ocorreu nas cidades citadas onde o wendo existe no Brasil. As oficinas de iniciação geralmente duram um fim de semana e consiste, em um primeiro momento, na apresentação do wendo em suas diversas faces e utilidades, é onde acontecem dinâmicas e as regras do wendo são expostas, em seguida são praticadas as técnicas específicas de autodefesa direcionada para a mulher de acordo com determinadas situações.

O Wendo é direcionado ás violências físicas e psicológicas do dia-a-dia e não se detém apenas a treinos físicos mas, sobretudo, a trabalhar a linguagem corporal e as habilidades psicológicas e verbais. Diz-se feminista quando se mostra como uma resposta e um enfrentamento das mulheres em relação à violência contra essas. Segundo a instrutora Trude Menrath, o Wendo não é um conceito apenas físico, de defesa física, mas é um conceito feminista integral, que usa todas as maneiras como todas as mulheres podem se defender, não se trata de corpo e golpes apenas. Na Europa, nasceu no movimento feminista e acompanha o desenvolvimento deste. Segundo Trude Menrath, em entrevista publicada no CMI(Centro de Mídia Independente), todas as treinadoras de Wendo na Europa são feministas, a maioria são lésbicas, elas integram à prática do Wendo temas diversos da agenda do movimento feminista, além do aperfeiçoamento de técnicas, assim como a tentativa de atingir o maior número de mulheres possível.. Na Europa existem cursos específicos para deficientes físicas, imigrantes, crianças, entre outros grupos de mulheres. O Wendo trabalha com a totalidade, não se detém á preparação do físico e por isso precisa atender ás especificidades de acordo com determinadas experiência de vida e determinados tipos de violência que as mulheres sofrem enquanto imigrantes, enquanto deficientes, enquanto crianças.

Para as praticantes do Wendo, de acordo com observação participante, o fato de o Wendo ser só para mulheres se justifica através de dados que mostram que a violência de gênero na maioria dos casos, se dá através de um homem agressor, algumas correntes da prática enxergam todo homem como agressor em potencial, apesar de reconhecer a violência

entre mulheres, por exemplo. Outra justificativa é que, na sociedade, o homem está mais ligado á esportes violentos, técnicas de luta, defesa e a mulher é privada de tais atividades, o Wendo seria uma espaço compensatório e ao mesmo tempo uma oportunidade de criação de grupos de mulheres. Outra característica do wendo é que as mulheres que adquirem as técnicas não podem passar para outras pessoas, sobretudo para homens, tendo em vista que em grande parte dos casos, a violência contra a mulher, parte de dentro de casa, de pessoas mais próximas, familiares e companheiros, o agressor tendo conhecimento sobre as técnicas, diminuiria consideravelmente a eficácia da autodefesa. A proibição do ensino das técnicas á outras mulheres(forá do curso) se dá pelo motivo de que para que o wendo seja eficaz, a mulher precise passar por uma oficina de iniciação, que conta com uma explicação e um levantamento histórico sobre a prática, oficina que é dada por uma instrutora experiente. Supõe-se que uma mulher recém saída de uma oficina ainda não esteja preparada para passar as técnicas adiante.

É fato que é a mulher que está susceptível a abuso sexual, violência doméstica, discriminação no trabalho e outras violências simbólicas diversas. De acordo com pesquisa da Fundação Perseu Abramo, uma em cada cinco brasileiras declara espontaneamente já ter sofrido algum tipo de violência por parte de um homem. A cada 15 segundos uma mulher é espancada por um homem no Brasil. Um terço das mulheres (33%) admite já ter sido vítima, em algum momento de sua vida, de alguma forma de violência física (24% de ameaças com armas ao cerceamento do direito de ir e vir, de 22% de agressões propriamente ditas e 13% de estupro conjugal ou abuso). 27% sofreram violências psíquicas e 11% afirmam já ter sofrido assédio sexual.

Os Grupos de Wendo em João Pessoa

O Wendo em João Pessoa, capital do estado da Paraíba, segundo as integrantes do mesmo, nasceu como uma resposta ás violências sofridas pelas integrantes do grupo que convidaram o grupo de Salvador –BA a ministrar uma oficina de defesa pessoal durante um final de semana na cidade. Posteriormente, o grupo recebeu acompanhamento da instrutora alemã Trude Menrath, do grupo da cidade de Koln, Alemanha, através de treinamentos intensivos. Dentre as mulheres que participaram da oficina ministrada pelo grupo de Salvador, cinco delas deram continuidade ás práticas do Wendo, formando o grupo Wendo-JPA. Quatro dessas integrantes já se conheciam anteriormente, três delas vieram de outros movimentos, fizeram parte de grupos como o CCS(Centro de Cultura Social), que tinha sede no Teatro Cilaio Ribeiro (hoje Centro Cultural Terceiro Setor –João Balula), um grupo formado por anarquistas e punks em sua maioria, mais precisamente, essas integrantes mantinham um grupo feminista chamado insubmissas, dentro do CCS. Ambos os grupos, CCS e o Insubmissas, duraram até 2007. O CCS realizava shows manifestações de ruas, debates, palestras, com o objetivo de difundir o punk e o anarquismo na cidade. Segundo uma das integrantes, o insubmissas estava mais voltado á questão da mulher além de buscar realizar também as mesmas atividades, só que com o enfoque na mulher, com uma ótica anarcofeminista. Chegaram a fazer um vídeo chamado "consequiste tua emancipação, mas não tua liberdade, em 2000, e uma cartilha que buscava orientar as mulheres como se defender de estupro e onde buscar ajuda. Nos grupos participavam anarcopunks e anarquistas.

Até hoje o wendo não é uma organização não-governamental (ONG), nem é institucionalizada, é um grupo autônomo, apesar de poder ter ligações com instituições, como por exemplo, na Alemanha, onde em casos de violência contra a mulher, a polícia chega a indicar os grupos de wendo ás vítimas.

O grupo Wendo-JPA teve início no final de 2006 e durante dois anos ministraram sete oficinas, cinco na cidade de João Pessoa, uma delas na cidade de Vitória, Espírito Santo e a outra em Fortaleza, no Ceará. O grupo tem realizado treinos abertos (para mulheres que já participaram de oficinas) e reuniões de planejamento de suas atividades. Depois de dois anos, uma integrante deixa o grupo depois de ter contribuído bastante com o crescimento deste, segundo outra integrante do grupo, em 2009 o grupo recebe mais duas integrantes, uma Senhora militante do Grupo de Mulheres Maria Quitéria, ONG ativista do movimento das lésbicas de João Pessoa e outra integrante que participara da primeira oficina de Wendo na cidade mas não permanecera no grupo. Neste momento o grupo passa por um aumento de integrantes e ao mesmo tempo por uma divisão, duas integrantes saíram montando outro grupo, uma integrante recém chegada adere ao novo grupo. O Wendo-JPA atualmente conta com três integrantes e o novo grupo, o Wendo-Teimosia, conta com quatro integrantes, duas que estão desde a formação do grupo antigo, uma que acabara de entrar nele e acompanhou o novo grupo na decisão e por fim uma integrante mais nova que acaba de conhecer o Wendo e ter suas primeiras experiências com a prática. Neste momento, uma integrante do grupo Wendo-JPA e outra do grupo Wendo-Teimosia se encontram na Europa, com ajuda dos grupos da Europa, essas integrantes seguiram o caminho do grupo da Bahia e partiu para o encontro mundial de Wendo que se dá em Le puy na França. Uma amostra de grupos de Curitiba, São Paulo e Brasília também estão na Europa, todas irão passar de dois a três meses viajando pelo continente e treinando exaustivamente para trazer novas técnicas, modelos de aulas, vivências e discussões para os grupos e integrantes que ficaram no país.

RELAÇÕES DE GÊNERO E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Em 1949, Simone de Beauvoir propõe uma união de mulheres como única saída para a emancipação, a autora cita o exemplo dos negros e judeus que criam grupos e assim, reforçam uma representatividade de certas minorias oprimidas, ela chega a dizer que não há emancipação no caso da mulher por esta estar ao lado do inimigo, no caso o homem.

“Os proletários dizem “nós”. Os negros também. Apresentando-se como sujeitos, eles transformam em “outros” os burgueses, os brancos. As mulheres – salvo em certos congressos que permanecem manifestações abstratas – não dizem “nós”(…) Não têm passado, não têm história, nem religião própria(…) Vivem dispersas entre os homens, ligadas pelo *habitat*, pelo trabalho, pelos interesses econômicos, pela condição social a certos homens – pai ou marido – mais estreitamente do que as outras mulheres.”(BEAUVOIR, 1980, p.13)

A união das mulheres em prol da emancipação passa a ser a agenda do movimento feminista e que trazendo como hipótese, pode ter sido incorporada pela agenda do movimento feminista onde nasceu o Wendo, ou onde esse teve mais atenção inicialmente, no caso, na Europa. Na discussão atual a respeito das representações sociais dentro do feminismo e do gênero nas ciências, Judith Butler (2009) faz parte de uma corrente desconstrutivista que busca mostrar o caráter performativo do gênero, esse por sua vez passa a ser absolutamente fruto de relações sociais, onde mesmo a diferenciação entre os sexos é construída socialmente. Gayle Rubin, por Adriana Piscitelli (2001), nos traz o sistema sexo/gênero quando nos diz que o homem e a mulher não são tão diferentes quanto o sol e a lua ou a noite e o dia,

a mulher é, na natureza, o que está mais próximo do homem, mas socialmente é construída a idéia de que a mulher é o contrário do homem, o avesso, ou para usar Beauvoir, “o outro”. Butler vai além quando diz que até a diferenciação entre sexo/gênero é construção social, para a autora não deveria haver nem mesmo esta distinção:

“Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuais e gêneros culturalmente contruídos(...) não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois(...) Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quando o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma.”(Butler, 2008 p.24-25)

Para ela, o uso da “categoria mulher” pelo movimento feminista, exclui e marginaliza identidades que não se enquadram no modelo sexo-gênero-desejo-identidade, a autora propõe a existência de discursos diversos e performativos que contradizem um sujeito único e instável como o sujeito da “categoria mulher”, instrumento do movimento feminista. Adriana Piscitelli traça um perfil dos estudos de gênero até então e conclui certo esgotamento do desconstrutivismo relacionado á gênero quando esse passa a comprometer a agenda feminista por falta de um sujeito que requer emancipação, igualdade de direitos e o fim da violência de gênero, por exemplo.

“O sentido da re-criação da categoria mulher é, sobretudo, político(...) é claro que se trata de políticas de coalizão – de políticas compostas por listas de reivindicações relativas ás diferentes necessidades dos grupos que constituem, temporariamente, a colizão(...) Terá sido, então, o ativismo mais “avançado” que a teoria? Nesse sentido, parece-me válida a observação de Marilyn Strathern(1988) quando afirma que a política radical não deixa de apresentar aspectos conservadores, na medida em que é obrigada a operacionalizar conceitos ou categorias já compreendidos.” (PISCITELLI, 2001, p.21-22)

A autora traz, então, uma recriação da categoria mulher (dessa vez com maior atenção ás especificidades como “mulher negra”, “mulher lésbica”, afim de não promover a marginalização da qual os desconstrutivistas falam), por não achar uma forma de conciliação entre o feminismo pós-moderno ou a terceira chamada do feminismo e o ativismo político.

É, pois, partindo desse pressuposto, dessa miríade de realidades que se escondem atrás da homogeneização categorial, que eclodiram os feminismos mais localizados, como sejam o feminismo negro, o feminismo lésbico, entre outros, e mesmo feminismos que cruzam essas várias categorias, problematizando gênero, ‘raça’ e orientação sexual. São também esses feminismos que contribuem para a problematização que o(s) feminismo(s) pós- moderno(s) vêm a fazer

dessa categoria, que passa a ser entendida como uma construção social e ideológica, inserida nas grandes narrativas de legitimação. (Oliveira & Amâncio, 2006, p. 599-600)

DEFESA PESSOAL E VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Henrietta L. Moore (2000) discute a relação entre identidade de gênero e discursos de gênero, a implicação dessa discussão na agência e mais adiante, pensa essas questões no contexto da violência interpessoal. A autora parte do pressuposto de que a identidade de gênero é construída e vivida. Para desenvolver o estudo, a autora busca questões fundamentais para as ciências sociais como a relação sujeito-sociedade. Desde a década de 60 há uma reformulação, dentro das ciências sociais, a respeito do sujeito ou indivíduo nas esferas de poder, não se pode mais recorrer apenas ao social para explicar fenômenos de agência, resistência e obediência, por exemplo, faz-se necessário discutir desejo, identificação, medo, fantasia, história de vida e discurso, para encontrar onde reside essa problemática relação entre indivíduo e sociedade. As formas e aspectos da subjetividade passam a ser levados em consideração, assim temos a identidade de gênero e os discursos de gênero, não apenas construídos de acordo com diversas estruturas de diferença fundadas no gênero, na raça, na etnicidade e assim por diante, nesse sentido, podem ser identificados aí, o gênero enquanto vivido e o gênero enquanto construído. Ou seja, uma série de discursos e agências que por vezes se contradizem, o discurso que forma homens e mulheres como tipos diferentes de indivíduos e a agência que produz, reproduz ou resiste a esses discursos.

Sua crítica à antropologia e à sociologia está no fato dessas considerarem o gênero como aspecto construído culturalmente, oprimindo as possíveis formas de produção, reprodução e resistência a esses modelos discursivos de gênero, que muitas vezes não são abraçados e adotados integralmente por todos os indivíduos de tais sociedades. A Antropologia, por trabalhar com coletividades acaba por sufocar esse pensamento de dupla formação. *“A fraqueza dessa abordagem é que ela recria o indivíduo e o social como antinomias, e é incapaz de fazer uma exposição coerente de sua mútua construção.”* (Moore, 2000 p.22). Nesse caso, o que falta na antropologia, a fim de entender mais sobre identidade de gênero em seu aspecto subjetivo e social seria uma teoria do sujeito. O pós-estruturalismo, traz um sujeito multiplamente constituído que pode assumir várias posições de sujeito dentro de um leque de práticas e discursos, no lugar de uma subjetividade centrada, singular, fixa e coerente que por vezes impede a compreensão sobre posições e auto-representações de sujeitos, que muitas vezes se apresentam de formas contraditórias entre si.

Contudo, trabalho recente na antropologia demonstrou que as culturas não têm um modelo único de gênero ou um sistema único de gênero, mas uma multiplicidade de discursos sobre o gênero que podem variar tanto contextualmente como biograficamente. Esses diferentes discursos sobre gênero são frequentemente contraditórios e conflitantes (...). Esse movimento permitiu que os pesquisadores se voltassem para processos de fracasso, resistência e mudança na aquisição de identidade de gênero, e também para casos de obediência, aceitação e investimento. (Moore, 2000, p.24)

O que nos chama atenção nesse sentido e nos faz compreender sobre as relações de gênero, é a maneira como o indivíduo adota e toma pra si, identidades de gênero, como esses indivíduos se tornam marcados por gênero, dentro de vários discursos co-existent, que podem contradizer-se e entrar em conflito. No caso do Wendo, por exemplo, e como em outros grupos diversos, não há um discurso único ou identidade de gênero fixa, principalmente no que tange á aspectos da transmigração, como uma prática que nasceu no Canadá, foi á Europa e em seguida chega na América Latina com especificidades de cada cultura, como não poderia ser diferente. Porém, têm em comum o discurso da agenda de determinado movimento feminista que busca um combate à violência de gênero, através da prática de defesa pessoal feminista, a solidariedade entre mulheres, além de outros ganhos em consequência de tal solidariedade. Consensos e controvérsias dos discursos, que entram em conflito, ou não, com as práticas.

A autora começa, a partir de tais reflexões a respeito de identidade, representação, agência e subjetividade, concluir a respeito de alguns aspectos da violência proveniente dessas dinâmicas de identidade. Existem masculinidades e feminilidades múltiplas e essas não são características fixas localizadas exclusivamente em mulheres e homens. A autora usa o conceito de Wendy Holloway(1984) a respeito do investimento, para explicar porque os indivíduos escolhem representar e/ou ser representados por tais características de identidade agência. O conceito de investimento supõe que o que motivo pelo qual o indivíduo assume determinada posição de sujeito é algo entre um compromisso emocional e um interesse que envolve prazer, satisfação e alguma retribuição ao indivíduo. Por outro lado, é importante ressaltar que não se pode reduzir questões como esta, que envolvem várias dinâmicas, á uma questão de escolha racional:

Seria no entanto um erro representar o processo de assumir uma posição de sujeito como uma simples escolha. Pois a contextualização histórica dos discursos significa que não todas as posições de sujeito são iguais, algumas posições carregam muito mais retribuição que outras e algumas são negativamente sancionadas. (Moore, 2000, p.37)

Por fim, há uma possibilidade do entendimento da violência interpessoal como resultado da frustração do investimento em uma posição de sujeito baseada em características de gênero. O comportamento alheio pode comprometer ou incomodar a auto-representação e a avaliação social, “o tipo de pessoa que se gostaria de ser e o tipo de pessoa que se gostaria que os outros acreditassem que se é.”(MOORE, 2000, p.38) Comportamentos alheios que colocam em questão a masculinidade, por exemplo, causam uma crise e o sujeito da crise procura ressarcir o que lhe foi tomado através de características pré-estabelecidas do que foi tomado pra si como posição de sujeito. A violência se dá, nesse caso, a partir do momento que o sujeito da crise é ameaçado de perda material, seja em termos de *status* social ou de recursos econômicos, etc. Num sentido contrário, a prática da defesa contra a violência, coloca em jogo os aspectos pressupostos das características das relações de gênero e não é desejado a partir do ponto em que possa causar crise dentro das relações de dominação. “Os discursos dominantes e as diferentes posições de sujeito que esses discursos conferem a mulheres e homens operam para limitar as estratégias que os indivíduos podem traçar.”(Moore, 2000, p.40). A causa da violência de gênero é a crise de identidade no processo de representação das masculinidades e feminilidades. A incapacidade de manter a fantasia de poder, e esse é um processo tanto individual quanto social.

A incapacidade de manter a fantasia de poder provoca uma crise na fantasia de identidade, e a violência é um meio de resolver essa crise porque age re-confirmando a natureza de uma masculinidade de outra maneira negada. (Moore, 2000, p.43)

Considerando a teoria de Henrietta L. Moore sobre violência, entendemos como o Wendo desafia essa dinâmica de resolução de crise de identidade e aí se encontra a resistência que Jocelyn Hollander(2009) nos fala quando estuda os cursos de defesa pessoal para mulheres.

A autora Jocelyn Hollander fala sobre uma resistência á auto-defesa feminista. Em alguns campus americanos, é dado em forma de oficinas e workshops algumas ações preventivas, porém que não promovem empoderamento de mulheres e na maioria das vezes são ineficazes por não mudar a postura da mulher e sim, apenas fazer com que as mulheres constriam suas vidas, tenham medo e cuidado. Podemos considerar tais cursos como cursos ordinários de auto-defesa, cursos de defesa pessoal feminista se dispõem a trazer a discussão acerca da violência de gênero.

Hollander busca entender porque, então, a existência de certa resistência sobre a auto-defesa para mulheres, já que mostra reduzir consideravelmente os casos de ataques sexuais, de acordo com determinadas pesquisas. Hollander nos fala que compreender como se dá essa resistência, ajuda a compreender como se mantém a desigualdade de gênero, já que, enquanto exista tal resistência, as mulheres serão poupadas de empoderamento e de informações de como se auto-defender da violência contra a mulher, o que se mostra como um dos problemas centrais da desigualdade de gênero.

Segundo Gordon & Riger (1989), menos de 25% de estupros são “consumados. Clay Warner(2002) numa análise de dados do *National Crime Victimization Survey* viu que há uma diminuição de 81% de estupros “consumados”, por causa de mulheres que usam alguma atividade física como proteção como luta ou fuga, controle de situação e fatores demográficos, dentre outras estratégias.

Ullman (1997) mostra que fortes atividades físicas como lutar, atividades que não requerem força como fugir e forte resistência verbal como gritar, são constantemente relacionadas com a prevenção contra estupros.

O primeiro tipo de resistência é a idéia de que é impossível: Para alguns entrevistados, parece óbvio que a mulher não tenha capacidade de se defender sozinha. A autora entrevista mulheres que não fazem curso de defesa pessoal: essas dizem que é perigoso, que pode causar uma confiança demasiada ou que pode incitar a mulher a ser violenta. No discurso de algumas feministas encontramos a resistência á defesa pessoal para mulheres, quando dizem que não se pode lutar contra a violência com violência, isso é filosoficamente inaceitável, para estas, existem outras ferramentas para isso que não a violência física. Nota-se que neste discurso, não se discerne defesa pessoal de violência. Alguns entrevistados afirmam que nos cursos de hoje não mais se ensina a defesa pessoal mas sim a se defender usando violência para isso.

Madden & Sokol (1994) dizem que uma boa autodefesa, diferencia autodefesa de agressão. Um dos dilemas feministas em face da autodefesa para mulheres está na questão “aprender e ensinar defesa pessoal adere e mantém uma sociedade violenta?” (Madden & Sokol, 1994, p. 25). Outra resistência á defesa pessoal encontrada por Hollander é o “culpar a vitima”: A autodefesa pode criar a idéia de que a mulher que deve se defender do estupro e se livrar dele, e tomar o lugar da idéia de que a violência que deve parar de ser exercida. Outra questão é se o empoderamento de algumas mulheres não vai tornar as outras mais

vulneráveis, por exemplo, as idosas ou deficientes. No caso do Wendo, na Europa, as feministas instrutoras da modalidade já adotaram o questionamento e hoje ministram cursos especiais voltados para grupos de crianças, idosos e deficientes físicos. As formas de resistência que a autora nos traz são comuns justamente porque trazem consigo concepções sócias generalizadas de gênero como, por exemplo, a vitimização da mulher, a fragilidade e a incapacidade de proteção por si mesma.

Para Hollander, as mulheres que praticam a autodefesa desafiam gênero e assim desafiam hierarquias sociais existentes, concluindo que aí está a resistência á prática pela sociedade.

When women learn or practice self-defense, they use their bodies in forceful ways. They kick, they pound, they elbow, they strike. They yell—not feminine screaming but deep, powerful yells. And what they yell is also unexpected. Instead of screaming “Help!” or “Please, no!” in a high, scared, feminine tone—as in “Please, don’t hurt me!”—they yell “NO!” from the diaphragm—as in “Don’t you dare hurt me!” They yell “Back off!” and “Leave me alone!” and sometimes “Fuck off!” Perhaps most important, they assert their right to safety, to self-determination, and to making their own choices—to agency. They declare, through their body language, their words, and their tone, that they are valuable and worth defending. All this goes against mainstream ideas of what a woman should be. (Hollander, 2009. p. 589)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as dinâmicas da prática da defesa pessoal para mulheres, há uma possibilidade de pensar questões como identidade, subjetividade e representação social, fazendo todo o levantamento do referencial teórico que reflete sobre a performatividade, o gênero criado para o discurso e o gênero para ser vivido. Relacionando todas essas abordagens ás práticas e o discurso da violência, concluímos que a violência interpessoal concretizada e ameaçada não apenas está ligada a questão da crise da identidade de gênero, como abrange outros tipos de diferença como raça e classe.

Supõe-se assim que o tratamento que deve ser dado á violência de gênero é o tratamento de um fenômeno social ligado á relações de poder, identidade, subjetividade, agência e social. Não o tratamento de anomia, de uma ruptura da ordem social, o problema deve ser pensado dentro das relações de gênero. A prática da defesa pessoal para mulheres, mostra, além de discursos de gêneros formados especificamente para a agência feminista, uma possibilidade de negociação ou até mesmo resistência a respeito de discursos de gênero e posições de sujeito, aspectos que devem ser levados em consideração no tratamento do assunto, numa perspectiva das ciências sociais. A prática do Wendo como uma resposta a essa luta pela manutenção das fantasias de identidade e poder.

A causa da violência é, claramente, múltipla e não se pode usar uma chave explicativa que a desvende, as hipóteses lançadas buscam refletir e relacionar os aspectos da violência, com as relações de diferenças criadas e, mais uma vez, reproduzidas ou não. Para teorizar e

entender a relação entre gênero e violência, é preciso uma teoria do sujeito que possibilite construir ligações entre representação, poder, conhecimento e sujeito.

Quando chegamos a uma consideração final da relação entre violência e gênero, é claro que a violência de todos os tipos está marcada por gênero em sua representação, na maneira como é pensada e constituída como fato social. Em sua realização como prática social é parte de um discurso, ainda que contraditório e fragmentado, sobre a diferença de gênero. (Moore, 2000)

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. O segundo Sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade. Segunda edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

CARVALHO, João Gilberto da Silva; ARRUDA, Angela. Teoria das representações sociais e história: um diálogo necessário. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, Brasil. Paideia, 2008. p.445-456

_____. Mabel Dias. CMI-Poa. Entrevista com Trude Menrath, instrutora alemã de Wendo. In: <http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-poa/2008-May/0506-7n.html>

GORDON, M. T., & RIGER, S.. The female fear: The social cost of rape. Urbana: University of Illinois Press, 1989.

HOLLANDER, Jocelyn A. Violence Against Women: The Roots of Resistance to women's self defense. Publicado originalmente online, fevereiro, 2009. Versão online em www.vaw.sagepub.com

HOLLANDER, Jocelyn A . Vulnerability and dangerousness: The Construction of Gender through Conversation about Violence. In: Gender and Society. 2001. versão online em www.gas.sagepub.com

MADDEN, M. E., & SOKOL, T. J. (1994). Empowering women: A feminist analysis of self-defense courses. Initiatives, 56(1), 23-27.

MOORE, Henrietta L. Em torno das corporalidades. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. cadernos pagu (14) 2000: pp.13-44.

OLIVEIRA, João Manuel de; AMÂNCIO, Lígia. Teorias feministas e representações sociais: desafios dos conhecimentos situados para a psicologia social. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 14(3), setembro-dezembro/2006.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) Mulher? Campinas, novembro de 2001. Versão online em <http://www.pagu.unicamp.br/files/pdf/Adriana01.pdf> . Acessado em 27 de agosto de 2009. p.1-25.

ULLMAN, Sarah E. (1997). Review and critique of empirical studies of rape avoidance. *Criminal Justice and Behavior*, Jun 1997; vol. 24: pp. 177 - 204.